



ESPECIAL SÓCRATES

CARLOS ALEXANDRE

O juiz que gosta de interrogar

O magistrado mais mediático do País gosta de trabalhar sozinho e tem mão dura para com os suspeitos

POR FRANCISCO GALOPE

Fazia sol, numa destas sextas-feiras, e ele despedia-se de um amigo em pleno Campus da Justiça, Lisboa, quando apareceu um funcionário judicial, com vários volumes de um processo debaixo do braço, a caminho de uma das varas criminais ali instaladas e lhe disse: «Sr. Dr., este é para si.»

«O que é?»

«Droga.»

«Amanhã às 10.»

Carlos Alexandre iria estar de turno no dia seguinte e acabava de saber que passaria a manhã de sábado a interrogar um suspeito de tráfico de narcóticos. São poucos os sábados em que o este juiz não está de turno num dos tribunais da cidade. E quando está, qualquer processo pode cair no colo deste magistrado judicial, tido como *workaholic* inveterado.

Mas é na «na sua casa», o Tribunal Central de Instrução Criminal (TCIC, ou *Ticão*, em jurídiquês), que trata dos megaprocessos relacionados com crimes de colarinho branco. São esses que, há praticamente uma década, trazem à ribalta este homem discreto, de estatura baixa e já algo curvada.

Chamam-lhe «juiz estrela», «Mourinho da Justiça» ou «Garzón português». Mas também «justiciero» ou «juiz sem medo», dependendo se se simpatiza ou antipatiza com ele. Os jornais costumam designá-lo por «superjuiz», por ser ele que, enquanto presidente do *Ticão*, tem pegado nos processos que envolvem figuras poderosas.

Neste mês de novembro, 10 anos depois de ter entrado para o TCIC como auxiliar provisório, deixou o País boquiaberto ao, no espaço de uma semana, aplicar (pela primeira vez em Portugal) prisão preventiva a um chefe de polícia e a um ex-primeiro-ministro.

Mas quem é este homem discreto que procura esquivar-se às câmaras e holofotes,

mas cuja atuação contribuiu para desviar os olhares de meio país das telenovelas, dos *reality shows* e do futebol?

Passagem breve pela política

Filho de uma antiga operária de uma fábrica têxtil e de um carteiro de Mação, Carlos Manuel Lopes Alexandre nasceu a 24 de março de 1961, sendo o mais novo de três irmãos. Por ali cresceu, frequentou um colégio em Abrantes, regressou a Mação, onde acabou o liceu (parte do qual através da telescola), até ingressar na Faculdade de Direito de Lisboa, onde, não sendo um aluno brilhante, se destacou pela sua memória. Aí cruzou-se com algumas figuras conhecidas que se haviam de tornar famosas, como os socialistas Eduardo Cabrita e António Costa, o atual líder do PS, do qual se dizia apoiante nos tempos de estudante universitário.

Também ele teve, nesse tempo, uma passagem pela política, embora muito fugaz: entre 1982 e 84 foi deputado pelos socialistas à Assembleia Municipal da sua terra, à qual se candidatou pela mão de outro socialista e seu conterrâneo famoso, António Reis, que foi grão-mestre do Grande Oriente Lusitano entre 2005 e 2011. Mas se Reis conseguiu atraí-lo, ainda que por instantes, para a política, em relação à maçonaria já não foi esse o caso. Quem o conhece diz, aliás, que Carlos Alexandre tem aversão a sociedades ocultas.

Naquela altura, já ele vivia em Lisboa e ia à terra pelo menos duas vezes por mês. Ago-

O magistrado tem fama de gostar de interrogar os suspeitos

ra será apenas uma. Desde que casou, dividiu o pouco tempo livre entre o Alandroal, no Alentejo, terra da sua mulher, e Mação, onde gosta de estar entre a sua gente.

Depois do curso, trabalhou nas Finanças de Alentejo, onde conheceu Floribela, com quem casou e teve dois filhos – um já na casa dos 20 e outro adolescente. Um ano depois, em 1985, ingressou no Centro de Estudos Judiciários. E daí a três anos, entrou na magistratura judicial, tendo em Felgueiras, o seu primeiro posto. A vida levou-o ainda aos tribunais de Cascais, Vila Franca de Xira e Oeiras. Entretanto, já tinham passado uns 15 anos, foi para Sintra, cujas varas mistas, acumulou, entre 2000 e 2004, com o cargo de juiz de instrução na Polícia Judiciária Militar (PJM), onde apanhou casos complexos, como o de uma burla de oito milhões de euros às Oficinas Gerais de Fardamento do Exército. Mas o complemento do vencimento não compensou os dissabores. Queixou-se, pela primeira vez, de ameaças de mor-

ANTÓNIO PEDRO FERREIRA





O juiz solitário, Carlos Alexandre, tem em mãos os processos mais complexos do País

te e, além de trabalho, acumulou conflitos com a hierarquia da PJM.

Carlos Alexandre tem mau feitio, dizem alguns dos seus pares. Muitos já o ouviram a gritar por trás de uma porta fechada a perder a paciência. Mas também o consideram leal para quem com ele trabalha. E não tentem oferecer-lhe o quer que seja, porque ele rejeita. Pelo menos desde que uma sande e um sumo, que lhe ofereceram durante uma busca, serviu para mais tarde dizer aos jornais que não tinha pago o almoço.

Vida à parte

«Priva pouco com outros juízes. Leva uma vida um pouco à parte», comenta um juiz. Metido para dentro, também é tido como corajoso e senhor de uma memória de fazer inveja. Dá-se ao respeito e respeita os outros.

Procuradores que já trabalharam com ele dizem-no de um faro digno de um polícia tarimbeiro. «O interrogatório dá-lhe pica», comenta um magistrado que o considera

um exímio interrogador – «inquisidor», na expressão de alguns detratores.

E mesmo os colegas que o possam criticar por «navegar muito nas águas do Ministério Público», por exemplo aplicando as medidas de coação pedidas pelos procuradores, concordam em que «é um bom juiz de instrução que não tem medo de ninguém».

Entrou para o *Ticão* em novembro de 2004 como juiz auxiliar de Fátima Mata-Mouros. Mas foi uma colocação provisória. Saiu em 2005 e regressou, em meados de 2006, como juiz titular e único magistrado judicial do tribunal onde vão parar os casos mais complexos.

Durante anos, muita gente questionou esse facto, reclamando um reforço. Associação Sindical dos Juizes, por exemplo, considerava que a existência apenas de um juiz titular não garantia o cumprimento da jurisprudência nem a aleatoriedade na atribuição de processos. Mas o Conselho Superior de Magistratura argumentava que Carlos

Alexandre nunca se queixou, nunca pediu um auxiliar nem deixou trabalho pendente.

E isso é algo de que ele se orgulha. E também dos números: cerca de 90% dos recursos contra decisões suas não são aceites pelas instâncias superiores.

A companhia da polícia tem sido, para ele, uma constante. Nos últimos anos, andou sempre com dois atrás. A sua segurança pessoal, que ocasionalmente dispensa, quando, por exemplo, faz um passeio higiénico para almoçar com amigos num dos restaurantes de Moscavide.

A segurança deve-se às ameaças. Chegam-lhe anónimas, por carta, mas também de forma mais violenta. A sua mulher já foi vítima de um atropelamento suspeito. E a sua casa, em Algés, assaltada em 2007. Levaram alguns objetos, mas também lhe deixaram uma mensagem fácil de decifrar: uma pistola desativada, colocada sobre a fotografia dos filhos. Mas ele não se deixou intimidar. ▣